



Vida de vendedor de canga

RODRIGO CAVALHEIRO

A segunda reportagem da série “Vida de” revela a peculiar sabedoria de um vendedor de roupas de praia semi-alfabetizado. Sob as vistas enrugadas de Fábio Rodrigues da Costa o mundo é simples. Cliente sem dinheiro, assoalho duro, chinelo arreventado e repórter indiscreto, nada é razão para esquentar a cabeça.

Meio-dia, sol a pino e a cliente, indecisa. Os óculos de marca Gucci, usados como tiara, dão a pista: pobre a mulher não é. Fábio pede R\$ 40 por uma bata branca pela qual diz ter pago R\$ 27. Entrega a peça, rabisca algo na arara carregada de roupas e segue. Sem o dinheiro.

– Gaúcho é povo muito bom. Não dá cheque sem fundo e “trata nós” bem. Anoto o endereço e cobro amanhã. Nunca levei calote – explica.

Confiança. Este é o motivo pelo qual goianos como ele chegam a lotar cinco ônibus por veraneio rumo ao Sul. Ao lado dos mineiros, comandam o comércio ambulante de cangas e vestidinhos nas praias gaúchas. Os nordestinos vendem mantas e redes. A honestidade é recíproca.

– Quando recebe pré-datado, a gente respeita. Se promete 15 dias, dá 18. Coitado do cliente se “nóis” desconta antes, acaba com a vida dele.

Fábio vende fiado sem exigir identidade, cartão de banco, comprovante de residência. Com o endereço rascunhado na tábua, segue arrastando as havaianas pretas pela areia.

São pelo menos três pares por temporada. O ambulante ignora quantos chinelos arreventou desde os 10 anos, quando vendeu a primeira canga no Estado. A reposição do calçado é despesa óbvia para quem, entre 9h e 19h, peregrina 20 quilômetros por dia. Doem os ombros. Por isso, a cada três minutos é preciso trocar a arara de lado. Daí o comentário, quase uma reclamação:

– Não sei por que não deixam a gente usar carrinho na areia. Se o vendedor de picolé pode...

O corpo de 1m76cm e 82 quilos agüenta a carga. Fábio peregrina pelo menos até os guarda-sóis escassearem, no final da tarde. É a hora de voltar ao casebre alugado nos arrabaldes de Capão da Canoa. Reencon-

trar a mulher, a filha e os 10 integrantes da família. Tomar um banho e, finalmente, descansar. Ter aquele sono revigorante. Fábio então desenrola o colchonete da espessura de um cobertor e se estira. Feliz.

– A gente faz um ninho e deita. É duro, mas fazer o quê? – conta, abraçando a filha de três anos.

Fábio estudou até a 4ª série. O suficiente para “ler e fazer conta”, mas não para soletrar o nome da menina. Por isso, quer que Jeovanna estude. Que pene menos para realizar seus sonhos. Ano passado, Fábio concretizou um dos seus: comprou um Chevette 1980. Pagou R\$ 2,3 mil e o conduziu por 2,6 mil quilômetros até Trindade, a 17 quilômetros de Goiânia. Dispensou os três dias de viagem em ônibus pelos quais pagaria R\$ 200.

– Foi um bom negócio. Não furou pneu até lá – ressalva, enquanto acende o cigarro.

Os malefícios do vício tampouco o preocupam. Por dia, produz 30 baganas. Ou seja, passa mais tempo tragando do que mastigando. O café da manhã se resume a pão com margarina, triturado às pressas. O almoço, ao xis mais barato. Protetor solar?

– Nunca passei isso não. Proteção, só de Deus.

Fábio nasceu em 8 de abril de 1981. As rugas são de um senhor de 24 anos.

A sogra Divina e a família

Pelo pátio da casa de madeira alugada em Capão da Canoa, passeia um galo inútil. Quem desperta Fábio é a sogra.

– Ela grita que já são 9h. Vou ver e ainda são 7h – conta o dono de um sono pesado.

Divina Aparecida Silva, 47 anos, é mãe de Kelly Borges Silva, 21 anos, mãe de Jeovanna, três anos.

Fala a sogra de Fábio:

– Grito e pulo sobre o piso, pra ver se ele levanta. Não é fácil.

A sinceridade da matriarca, en-

carregada ainda de cozinhar e lavar a roupa da família, explica em parte o perfil destes vendedores. Os limites de seu mundo se confundem com os da própria família. Todos se ajudam, todos vendem cangas. O caso de Divina é emblemático:

– Tirei um tumor da cabeça há quatro meses. Quando caminho muito tempo, dói.

As cifras justificam o sacrifício. Em Goiás, Fábio ganha R\$ 500 por mês como serigrafista. Em um fim de semana, deixa a praia com a

mesma quantia no bolso da bermuda. O lucro pode chegar a R\$ 1 mil por semana. O suficiente para pagar o aluguel de R\$ 800 e a babá que repara as três crianças, enquanto todos os 10 adultos labutam na areia.

Confraternização, só durante o jantar. Mas nada de família reunida ao redor da mesa:

– A gente come onde tiver lugar. Sentado na terra, na mesa ou com o prato no colo – explica a mulher, Kelly, enquanto ajeita nas araras as roupas que serão vendidas no dia seguinte.



Auto-retrato

Sonho de infância

“Eu não tinha sonho, não. A gente foi criado diferente, para não pensar muito alto. O que Deus mandasse, tava bom.”

Futuro

“Queria ter alguma coisa para não precisar andar mais neste sol. Nem eu, nem a mulher. Não quero que minha filha passe isso, não.”

Se pudesse voltar atrás...

“Eu teria estudado mais, para me formar em alguma coisa. Não sei em que, tem tanta profissão... O que Deus determinasse, eu seguiria.”



O café da manhã de Fábio com a mulher, Kelly, uma sobrinha e o sogro (D) mistura café, pão e um gole de Coca-cola

Férias de gaúcho, trabalho de goiano

Nos três meses em que permanecem no Estado, Fábio e a família têm na televisão o único lazer. Quem passa 10 horas por dia na areia, sequer cogita de refrescar-se no mar.

– Nunca entro na água. As crianças também não vão à praia, têm medo de se afogar – diz Fábio.

Talvez por isso, a filha Jeovanna não se separa de Chiquinha. A boneca foi presente de um Papai Noel com várias caras – cada adulto casou cerca de R\$ 10 para comprar-lhe o agrado.

A diversão do pai de Jeovanna? É a sogra quem “denuncia”:

– Ele bem que gosta de uma rinha de galos.

Passar um quarto da vida por estas bandas agauchou Fábio, mas não a ponto de fazê-lo tomar chimarrão. Culpa de um “amigo” que lhe ofereceu a iguaria.

– Queimei a boca e tudo mais. Achei que não era assim não! Chuppei uma vez e vou falar pra você...

Fábio guarda uma memória afetiva paradoxal do Estado. Em Tor-

res, a mãe sofreu um ataque cardíaco e acabou morrendo aos 54 anos. Na mesma cidade, ele ganhou um sobrinho, hoje com seis anos.

– É comum alguém morrer longe de casa. Mas também é normal as mulheres chegarem grávidas e terem gauchinhos – conta a sogra Divina.



A rotina

Todo o dia ele faz tudo sempre igual...

7h – Despertar promovido pela sogra, Divina, e banho rápido

8h – Desjejum: copo de café preto com açúcar, pão com margarina, seguido de um gole de Coca-cola. O pão leva apenas uma fatia de queijo ou de presunto. Um ou outro

8h30min – Arara sobre o ombro, Fábio começa a caminhada de 1,5 quilômetro rumo à praia

9h – Chegada à areia. Troca da arara de ombro a cada três minutos.

14h – Almoço: um X-salada, a R\$ 5,50

18h30min – Caminhada de retorno à casa

20h – Esquenta a comida feita pela sogra. O cardápio é composto por dois pratos de arroz e feijão mexidos. Quando há carne, come. Para beber, água ou guaraná

22h – Desenrola o colchonete sobre o chão de madeira e deita com a mulher e a filha

O universo de Fábio



Sobre mulheres bonitas à beira-mar

“Nunca levei cantada.”

Sobre o Brasil

“Muitas pessoas têm mais que outras.”

Sobre Lula

“Muita gente fala mal dele, mas minha vida melhorou um pouquinho, sim.”

Sobre os gaúchos

“O gaúcho é 100%, não é de pechinchar. Se tiver que comprar, compra logo. Em Brasília tem muito caloteiro. Curitiba é campeã de cheque sem fundos. E os catarinenses são muito secos.”

“O gaúcho é muito ‘dozento’. Tem dó da gente e compra.”

“Quando a gente vai na casa cobrar, o gaúcho manda entrar, oferece churrasco, caipira. Trata de igual pra igual.”

Sobre vendas

“No dia em que vendi mais, ainda sobrou muito.”

Sobre os argentinos

“Pechinham demais.”

Sobre lazer

“Aqui não tem dia livre não. Só se chove bem forte.”

Sobre o cigarro

“Parar de fumar? Tentei isso, não. O único vício que tenho na vida é esse.”

Sobre a jornada de trabalho

“Tem hora pra voltar, não.”



Veja galeria de fotos em

zh.clicrbs.com.br